

## Ciência da Informação e as “outras” áreas

Solange Puntel Mostafa

**Como citar:** MOSTAFA, S. P. Ciência da Informação e as “outras” áreas. *In:* SILVA, H. C.; BARROS, M. H. T. C. (org.). **Ciência da Informação:** múltiplos diálogos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 67-76. DOI: <https://doi.org/10.36311/2009.978-85-60810-16-1.p67-76>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## Ciência da Informação e as “outras” áreas

*Solange Puntel Mostafa*

Falo de um lugar que não é mais do interior da Ciência da Informação *strictu sensu*. Como integro um programa de pós-graduação em educação, começo por ver a Ciência da Informação como área de conhecimento que guarda algumas similaridades com a Educação, e a mais visível é que a Educação, tanto quanto a Ciência da Informação, se relaciona com várias áreas do conhecimento. As licenciaturas, “o ensino de” obriga um pesquisador em educação a lidar com conceitos de biologia, química, física, matemática ou filosofia. Mas também ensino de enfermagem, medicina ou oceanografia. Portanto, falo de um lugar híbrido situado entre as teorias de aprendizagem, as políticas públicas da educação e as tecnologias de comunicação e informação. Tudo isso atravessado pela formação inicial e continuada de professores, linha de pesquisa na qual se insere o grupo de pesquisa onde atuamos.

A Ciência da Informação, no entanto, acompanha essas novas viagens porque a aquisição de conhecimentos dos processos de ensino-aprendizagem supõe domínios metainformacionais. Da mesma forma que essas Inter-relações devolvem novas compreensões interessantes para a Ciência da Informação. Diria, então, que já estou vendo as demais áreas do conhecimento às vezes como zonas de desenvolvimento proximal, porque esse é um conceito caro à abordagem histórico-cultural de Vygotsky; outras vezes, como formações discursivas, porque esse é um conceito caro ao pós-estruturalismo foucaultiano. Na verdade, desenvolvemos três eixos no grupo Mídia e Conhecimento: o eixo da aprendizagem, onde as pesquisas voltam-se para os ambientes virtuais de aprendizagem e a informática; o eixo da tradição documentalista, onde fazemos pesquisas mais próximas à Ciência da Informação mas sempre que possível, fazendo a passagem documento-monumento para ser possível fazer a crítica à

tradição; e o eixo das mídias, onde desenvolvemos as noções de artefato cultural para as produções midiáticas e seus efeitos na formação de professores. O lugar de que falamos nunca é um lugar apenas epistemológico. É também institucional, é também um lugar cultural, é também um lugar social, é também um lugar regido por certas verdades, por coisas que se pode dizer e outras que não se pode dizer, porque o regime de verdade tem esse papel de autorizar algumas práticas e alguns discursos e desqualificar outras, fazendo-os cair no esquecimento, se um dia eles merecerem alguma circulação.

Assim, não existe “a” Educação, como não existe “a” Ciência da Informação. Existimos nós fazendo coisas que achamos que são educacionais ou informacionais. Nós nomeamos o mundo.

Então, a Ciência da Informação está (até agora) no guarda-chuva das Ciências Sociais Aplicadas, ao lado da Administração, Economia, Comunicação; a Educação está no guarda-chuva das humanas, ao lado da Antropologia, História, Psicologia, Ciência Política ou Filosofia. Poderiam estar ambas em um mesmo guarda-chuva, porque o objeto de que tratamos, tanto na Educação quanto na CI é um objeto “poliepistêmico”, voltado que está a virtualmente todas as áreas regionalizadas do saber. Com a diferença de que o campo educacional precisa vincular-se, e o tem feito, de forma mais urgente talvez que a Ciência da Informação, a amplas redes de ensino, submetendo os resultados da pesquisa a amplas negociações nas redes de ensino e em instâncias governamentais de jurisdição das redes. Não estranha, portanto, que o colégio invisível da Educação reúne-se anualmente em presença de 400 pesquisadores, distribuídos em 26 grupos de trabalho, enquanto que a Ciência da Informação reúne-se bianualmente num colégio invisível menor, tendo a sua produção científica distribuída em 8 subgrupos, conforme a classificação da Associação Nacional de Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação (ANCIB):

1. Informação Tecnológica e para Negócios;
2. Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação;
3. Novas Tecnologias/Redes de Informação/Educação à Distância;
4. Informação e Sociedade/Ação cultural
5. Comunicação e Produção Científica/Literatura Cinzenta;
6. Formação Profissional e Mercado de Trabalho;
7. Planejamento e Gestão de Sistemas/Inteligência Competitiva;
8. Epistemologia da Ciência da Informação;

Nesta divisão, estão visíveis as relações da CI com a administração empresarial, com a Filosofia e a Linguística para as questões de indexação e classificação, com teorias sociais para falar algo sobre informação e sociedade ou ação cultural; estão visíveis também as questões da comunicação da pesquisa no grupo da produção científica; e finalmente o grupo da Epistemologia, que pensa a área como um todo.

O que farei então é compartilhar meus questionamentos na leitura dos trabalhos do grupo Epistemologia, o grupo 8 do CD do V ENACIB em 2003 porque entendo que é ali o espaço para os pesquisadores discutirem as relações da Ciência da Informação com as outras áreas. Nos demais Grupos de Trabalho (GTs) a relação com as outras áreas está embutida nos conceitos já apropriados, como o de Inteligência Competitiva, Comunicação Científica, Mercado de Trabalho, Educação à Distância. Já o papel da epistemologia tradicionalmente sempre foi analisar “a” área e, ao fazê-lo, sempre recorre às outras áreas. Nem sempre com sucesso. Uns vão lá e voltam cheios de novidades. Outros temem essa aproximação e se fecham, dizendo-nos não só que não há nada de novo sob o sol; como algumas frestas de luz, quando entram pela janela, produzem a maior confusão conceitual na Ciência da Informação.

Alguns trabalhos estão destacando a questão da cientificidade do campo, até mesmo nos títulos dos trabalhos. Muitos dizendo “a ciência da informação” ou “o campo científico”, como se houvesse uma coisa chamada Ciência da Informação, e essa coisa fosse um campo científico à disposição das análises. Tudo isso é verdade. Há um campo mesmo de estudos chamado Ciência da Informação e nós sabemos da sua constituição histórica a ponto de contarmos essa história incansavelmente... (era uma vez uma reunião no Georgia Tech Institute, na década de 60... era uma vez uma reunião científica na Universidade de Tampere, na Finlândia, em 1991; eu mesma estou começando minha fala com mais uma de nossas histórias: era uma vez um encontro em Belo Horizonte chamado V ENANCIB e daqui a pouco estaremos dizendo era uma vez um encontro internacional em Marília...) Há de fato encontros, datas, locais e discursos falando e dando vida a isso que chamamos Ciência da Informação. Mas temos que analisar de que forma falamos sobre Ciência da Informação. Pois as falas são atos fundadores. Quando falamos sobre as coisas do mundo, nós as constituímos. Pois as coisas do mundo só têm significado quando interpretadas pela linguagem. Não falamos sobre Ciência da Informação de qualquer jeito. Falamos de um lugar, ainda que esse lugar seja flutuante e cambiante pela própria natureza das relações disciplinares que

estabelecemos com outras áreas. A nossa conversa sobre Ciência da Informação realiza-se mediante uma inscrição. Inscrevemo-nos numa ordem discursiva já em curso. E aí, desde este lugar, nós falamos sobre “a” área. Mas, não podemos falar de qualquer jeito, porque há uma ordem já dada. Que alguns autores da década de 70 chamaram de paradigma ou matriz disciplinar, tanto no sentido de visão de mundo ou ‘weltanschauung’ quanto no sentido de regras; outros chamaram de ‘formação discursiva’.

Para estar neste lugar enunciativo, nós nos preparamos, com leituras e escritos, com cursos, com títulos, com cargos e, aí sim, eis nossa opinião autoral sobre o tema! Então nos inscrevemos numa ordem que já está em curso; alguém já disse antes de nós, tanto assim que nossos textos são cheios de referências e se não fosse, diríamos que são contos de fadas, sem história, sem memória. Mas, mesmo citando tantos autores, nós não temos acesso à origem do dizer, pois o dizer é sempre um discurso no meio de outros. É sempre um inter (discurso) e a memória do interdiscurso não se situa em nenhum lugar; é uma trama de sentidos; temos acesso somente à circunstância da enunciação. Nós só temos acesso à historicidade das condições de produção dos enunciados. Por isso, contamos nossas histórias circunscritas a um tempo e lugar, a uma conferência, um período, a um CD.

Tudo isso me passou pela cabeça quando li alguns trabalhos do CD do Enancib de 2003, no GT da Epistemologia. Porque me davam a impressão de que o “campo” da Ciência da Informação existia antes de nós e depois de nós, sem que pudéssemos nos inscrever nele. Eis lá o “campo” ou eis lá “a Ciência da Informação”. Pode parecer banal, mas linguagem é o nosso vínculo no mundo. E se esse campo está lá, como eu vou fazer a minha inscrição nele? Essa foi a minha primeira dificuldade com algumas estruturas de conhecimento que vi ali. São os seguintes os títulos dos 14 trabalhos apresentados ao GT de Epistemologia do V ENACIB:

- 1) O olhar da consciência possível sobre o campo científico
- 2) A determinação do campo científico à ciência da informação: uma abordagem terminológica
- 3) Epistemologia da ciência da informação revisitada
- 4) A teia dos sentidos: o discurso da ciência da informação sobre a atual condição da informação
- 5) Informação: conceitos e terminologias na área de ciência da informação

- 6) A ciência da informação discutida à luz da perspectiva cognitiva: resultados de pesquisas e perspectivas
- 7) Equação do impacto informacional: uma proposta paradigmática
- 8) O paradigma holográfico e a utopia de Vannevar Bush
- 9) Para uma cartografia das representações de livros e leituras
- 10) Os vínculos e os conhecimentos: pensando o sujeito da pesquisa transdisciplinar
- 11) Transdisciplinariedade na ciência da informação
- 12) Uma reflexão filosófica sobre o conceito de forma e sua relação com a organização do conhecimento no ciberespaço
- 13) Quem é o sujeito da pesquisa inter e transdisciplinar: buscando desenvolver um modelo de análise
- 14) Metáfora: identidade a serviço da recuperação da informação?

Algumas possíveis temáticas de pesquisa são apresentadas nesse corpus, como as ciências cognitivas, as ciências sociais em geral, as ciências do documento, as ciências da comunicação, a sociolinguística, a semântica e a semiótica, a(s) lógica(s), a cibernética e todas as ciências da computação; enfim, não importa, são muitas as ‘outras áreas’ mas, para alguns, essas relações favorecem a mútua fertilização conceitual enquanto que, para outros, enquanto não definimos melhor e de uma vez por todas o que significa mesmo Informação, a área não terá condições de progredir e de se firmar na teoria do conhecimento.

Assim, fui construindo a percepção de que muitos trabalhos brasileiros estão fazendo uma epistemologia tradicional, essa que pergunta pela unificação dos conceitos, dos métodos e dos procedimentos. Mas, não só alguns trabalhos do V ENANCIB fazem isso. Há dez anos, tivemos a oportunidade de discutir, essa mesma unitarização conceitual em ‘Reply to Alvin Shrader on the domains of Information Science’. Na época, nós nos irritamos profundamente com o exercício terminológico proposto por esse autor e o chamamos para a discussão aberta. Dissemos com todas as letras que o domínio da CI não viria pelas definições, nem pelo rigor metodológico, nem pela lista diversificada de termos usados na área, com vistas ao consenso. O texto que discutíamos era “Two domains of information science: problems on conceptualization and consensus building”(SHRADER, 1986), um título onde fica claro tratar-se de conceituação e da construção do consenso. O autor chegava a sugerir aulas de Lógica Formal para os cientistas da informação. Dissemos então, muito pomposamente, que

Domination of the thing will not result from exhaustion of definitions nor by listing the more precise terms, neither by methodological fastidiousness and not by the interdisciplinarity comprised in the original concept as Shrader endeavoured to do (MOSTAFA; MURGUIA, 1993; p.34).

Este fato me fez pensar na força dos enunciados e na sua capacidade de serem repetidos. Como é possível que determinadas pessoas, em lugares diferentes, venham a dizer a mesma coisa e em tempos também diferentes, e essas coisas vão se reproduzindo *ad infinitum* por gerações, como se nada pudesse mudar-lhes a ordem? A ordem dessa repetição, sugere Foucault, é mais ligada à instituição do que à localização espaço-temporal (FOUCAULT, [199?], p.117-119). Frohmann destaca também a materialidade dos enunciados e sua filiação institucional (FROHMANN, 2000). Por isso, as posições-de-sujeito são talvez mais importantes do que os autores individuais deste ou daquele texto. São estruturas de conhecimento sendo repetidas séculos afora. Um mesmo método para tudo, um mesmo significado para as palavras, a unicidade de conceitos, essas são formas de entender a relação sujeito-objeto semelhantes às estruturas de conhecimento que encontramos nos séculos 18, na nascente ciência moderna, sem as densidades históricas que vieram com os séculos 19 e 20.

Quando pensamos no século 17, é impossível não pensar no cogito cartesiano. Afinal, pensamos! Mas, o cogito caminhou e no século 18 vemos nascer as preocupações kantianas sobre os limites e as possibilidades do conhecimento, que, se muito importantes, ainda estavam limitadas em termos de sociabilidade. O século 19 tem uma marca forte com o *socius*, com sociedade, com sociologia, com formação cultural, o idealismo alemão falando em ‘bildung’; enfim, entram em cena as classes sociais; são todas inovações impensáveis nos séculos 17 ou 18. Nos novecentos, já estamos falando em sociologia do conhecimento, portanto, entendendo conhecimento num registro muito diferente da unitarização científica, metodológica e procedimental dos séculos 17 e 18.

Então, ao olhar os discursos epistemológicos do V ENANCIB, tive a impressão de que algumas estruturas de conhecimento ali apresentadas estavam repetindo preocupações de séculos anteriores, apegadas a um exercício talvez estéril de conceituação e definições. Mas, como “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram e se excluem” (FOUCAULT, 1996, p.53), uma outra ordem discursiva também foi

possível encontrar no V ENANCIB e que já fica visível também no título da enunciação: *o discurso da ciência da informação sobre a atual condição da informação*. Podemos ver, pelo título, algo novo aí, porque já não trata a informação como entidade, ou fenômeno, ou coisa que precisa ser conceituada; aliás, lança dúvidas sobre a tal Ciência da Informação porque nos fala do ‘discurso da ciência da informação’ (primeira suspeição: trata-se de um discurso?!); em seguida, historiciza a ‘condição atual da informação’; sai do século 17 porque não vê sentido em precisar conceitos e terminologias fora ou antes de uma arqueologia deste saber. Vale dizer, se informação é discurso, é preciso analisá-la sob o jogo dos seus efeitos; é preciso analisá-la como acontecimento e por último, suspender a soberania do significante (FOUCAULT, 1995, p. 51). Portanto, pouco importa o que é informação. E não se trata também de definir o que é Ciência da Informação.

A questão dos limites e possibilidades aqui, dos séculos 20 e 21 virou as páginas das definições. A metáfora da rede está aí para complicar o sentido das coisas do mundo, até porque as coisas não estão no mundo sem que possamos nomeá-las. Nessa nomeação, entram as instituições, entram os rituais, as solenidades, os congressos, os Enancibs, as práticas não discursivas. O discurso não existe fora das instituições homologadoras das suas ‘verdades’. *O discurso da ciência da informação sobre a atual condição da informação* entende enunciado como acontecimento e acontecimento material (a materialidade dos enunciados é que eles podem ser deslocados, recortados, transportados, usados em vários contextos, em várias épocas). Se há uma condição atual para a informação, haverá outras condições, outros conceitos, outras ciências da informação. Assim como houve já outras condições. E outros conceitos para informação. A questão é: por que alguns conceitos se estabilizam e viram verdade? A questão não é, portanto martelar em cima do significado, mas perguntar pelas condições de produção desse significado, pelo regime de verdade que o instituiu.

Perguntei-me se não estaria diante de duas ordens de discurso bem distintas no GT da Epistemologia: uma ordem mostrando as dificuldades da área, como ausências, insuficiências ou limitações, e outra plena, viva, produtiva mostrando as possibilidades, os excedentes epistemológicos e as novidades. A ordem discursiva que entende dificuldade por impossibilidade obedece a uma seqüência argumentativa talvez contraditória: por entenderem que a área não tem objeto definido, apresentam-se todos os autores que definem o objeto dessa ou daquela forma para concluir que há necessidade de mais reflexões. É como se a coruja hegeliana voltasse pra casa decepcionada com o mundo da

linguagem, que define, define e afinal não dá conta de definir exatamente e de uma vez por todas o que é afinal, informação, o que é afinal, Ciência da Informação. Pergunta do tipo ‘o que é isso’, esclarece-nos Veiga Neto (2001, p.27),

jamais pode ser respondida de modo acabado, completo, suficiente [...] a própria linguagem com que dizemos o conceito é ambivalente e insuficiente” e dado que não há como definir inteira, suficiente e definitivamente o significado de uma palavra, o que nos resta é falarmos e falarmos e falarmos sobre as palavras, isto é, discursarmos sobre nossos próprios discursos. Nestas muitas falas, vamos construindo o mapa semântico [...] (VEIGA NETO, 2002, p.38).

Por isso inscrevo-me novamente nesta discussão no VII ENANCIB realizado em Marília, porque também acredito que não podemos parar de falar sobre nossas conversas. Por estar inscrita, percebi também um outro mapa semântico sendo construído no mesmo CD do V ENANCIB para além da estabilização conceitual; a leitura comparada dos textos citados me permitiu ver que os trabalhos do V ENANCIB se dividem em famílias discursivas, umas trabalhando com uma Epistemologia sinônimo de Teoria do Conhecimento e com isso reduzindo o mundo da vida ao mundo do conhecimento, à moda dos oitocentos (que já aparece pronto na forma de artigos e autores que então são analisados, desprezando as ‘outras’ áreas, sejam de conhecimento, sejam áreas de trabalho). E outras mais produtivas, perguntando pelos ‘vínculos’ na produção de conhecimentos e dentro de uma Epistemologia Social, mais adequada à época em que vivemos.

Com o desenvolvimento de novos conceitos trazidos de outras áreas, conceitos trazidos das ciências sociais e das humanas, como “cultura de evidência”, “regime de informação”, “transdisciplinaridade”, “agências universais” ou as “máquinas abstratas”; são discursos que falam de outras coisas, fazem-nos ver outros vínculos, mudam de ângulo. Lêem outros autores que não os Belkin, os Brooks, os Wersigs, os Saracevics, os Goffman. Ou, em todo caso, os re-significam, revolucionando os seus conceitos. A nova ordem discursiva da ciência da informação brasileira está fora da filosofia da consciência, tirando todas as vantagens das viradas lingüísticas, epistemológica e cultural do século 20.

## Referências

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5. , 2003, Belo Horizonte. (Trabalhos apresentados). Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 8 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FROHMANN, Bernd. *Discourse and documentation: some implications for pedagogy and research*. Disponível em: <<http://www.firms.uwo.ca/people/faculty/frohmann/jelis.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2004.

MOSTAFA, Solange P.; MURGUIA, Eduardo I. M. Reply to Alvin Schrader on the domains of the Information Science. Campinas: Puc-Campinas, *Transinformação*, s.3, n. 1/3, p. 31-42, 1993.

VEIGA-NETO, Alfredo. Paradigmas? Cuidado com eles! In: COSTA, Marisa V. *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.35-47.